



Director literario:

Ataquas
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo
PAPUSSE



Caridade

POR

FERNANDO A. SIMOES

DESENHOS DE ED. MALTA



CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

Mas o lobo não se deixava apanhar facilmente, fugindo saltando e evitando sempre mostrar as costas ao adversario.

Enervado já, o pai queria disparar novamente a caçadeira mas Anibal pediu-lhe que o não fizesse pois podia ir ferir o cão.

Mas este, dando um salto gigantesco, conseguiu agarrar o lobo por traz, e cavalgando-o, fincou-lhe os dentes no pescoço. Debalde o lobo procurou soltar-se, estava bem seguro.

Durante dois segundos permaneceram imóveis; foi o suficiente para o pai de Anibal: apontou, descarregou e como o segundo, o terceiro lobo tombou fulminado.

Então Anibal corria para o cão, esperando encontrá-lo muito ferido.

Mas não, afóra algumas arranhaduras e dentadas sem importância, o cão nada sofrera.

Iam retornar novamente o seu caminho, continuando a procurar Abilio, quando um gemido os interrompeu. Anibal julgou que fôsse o latido dalgum dos lobos que não estivesse bem morto, mas um novo gemido veio convencê-lo de que apenas a voz humana o poderia soltar.

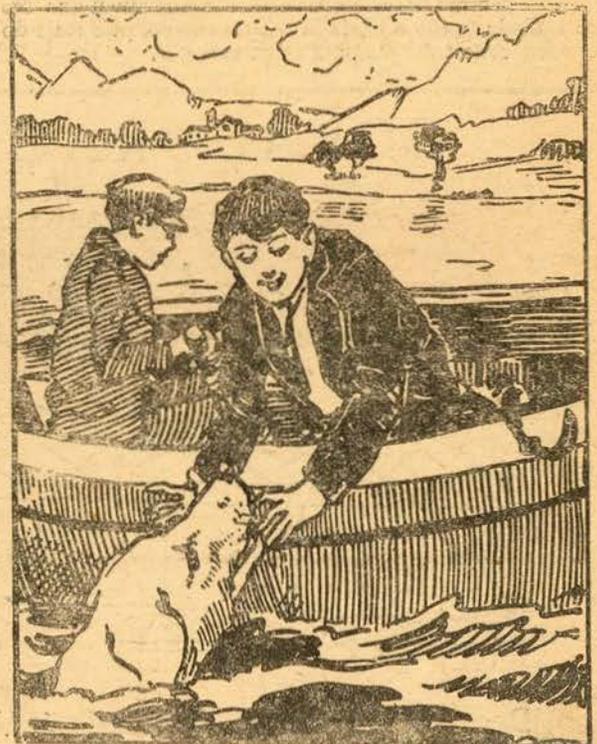
Deram alguns passos e acharam-se à borda de um fundo barranco. Esperavam ansiosos até que um novo gemido seguido da palavra «Socórro!» articulada a muito custo, os veio tirar de dúvidas: no fundo daquêlê estava alguém.

Anibal e o pai preparavam-se para descer, quando viram que as paredes do barranco eram tão abruptas que só com muito perigo o poderiam fazer.

E urgia salvar quem quer que se encontrava no fundo daquela imensa cova. Anciado, Anibal olhava para um lado e para outro, sem saber o que fazer quando deu por falta do cão.

La perguntar ao pai se sabia onde êle se encontrava, quando um súbito ladrar lhe respondeu do fundo do barranco. Anibal percebeu tudo: quem estava lá em baixo,

caído, era seu irmão, e o cão que por momentos lhe havia perdido o rasto, tendo voltado a encontrá-lo, tratara de o seguir, até descobrir Abilio.



Então Anibal assobiou, e imediatamente viu uma grande sombra que, com uma rapidez vertiginosa, subia o barranco.

Anibal desdobrou um enorme rôlo de cordas que o pai trouxera, e segurou uma ponta, dando a outra ao cão, que, tendo a consciência do que dêle exigiam, lhe segurou com a bôca, precipitando-se por ali abaixo.

Minutos depois, voltava novamente para cima, ladrando e saltando, muito satisfeito.

Anibal compreendeu-o.

Ele e o pai fizeram força nos pés, e recuando, fôram puxando a corda, que desta vês pesava um pouco mais, na outra extremidade vinha Abílio.

Quando chegou acima, o pai e o irmão correram para ele. Estava deitado por terra, sem forças para se levantar, pois torcera um pé.

Ante as perguntas que lhe fizeram, contou que separando-se do irmão, continuára a caminhar durante uns vinte minutos, até que, em certa altura, reparou que se perdêra: o caminho por onde devia seguir não era aquele. Muito atrapalhado, andou para-traz e para diante, procurando a estrada real, mas quanto mais procurava mais se perdia.

Para mais aumentar a sua aflicção, ouviu a poucos passos de si o uivo dum lobo, que avançava para êle. Tomado de pânico, desatou a correr, e o lobo fez o mesmo, sempre atrás dêle.

Então largou numa correria doida, insensata.

Não olhava, não via; o mêdo do lobo fazia-lhe perder a noção das coisas.

De repente sentiu-se no ar, e três segundos depois caía com todo o pêso, no fundo daquele horrível barranco.

Torcêra um pé na queda, e não se podia mexer.

Cheio de fome, de frio, debaixo daquela chuva inclemente, sem se poder mexer, com poucas esperanças de que o fôsem ali procurar, êle pensava com horror, que talvez não mais saísse dali.

Para mais, três lobos rondavam lá em cima, esperando que êle subisse para se lhe atirarem, visto que a inclinação do barranco os proibia de o fazerem já, e fôra nessa altura que o pai e Anibal haviam chegado.

Este, cujo bom coração se patenteava sempre, não podendo resistir, chorou comovido, ouvindo a narração dos transe por que nessa noite passara seu irmão. Mas de súbito teve uma idea, e disse a Abílio:

— Vês? se tu não fôesses mau, e esperasses que eu acabasse de curar o cão, já isso te não sucedia.

Anibal deitou ao cão um olhar em que se via bem a raiva que lhe ia na alma.

È que êle via as coisas duma maneira diferente da de Anibal.

Se êste maldito cão, pensava êle, se não tivesse lembrado de nos aparecer, já nada disto sucederia.

E não pensava, ou não queria pensar, que ainda que isso fôsse verdade, o cão o havia já recompensado, pois mais do que todos, concorrêra êle para a sua salvação.

Longe de ficar grato ao Turco, nome que Anibal havia dado ao cão, Abílio, pelo contrário, aproveitava todos os momentos em que se encontrava sózinho com êle, para lhe patentear toda a raiva que lhe tinha.

Mas porque tinha Abílio tanta raiva ao cão?

Por um motivo fútil, qual fôra o de estar à espera que Anibal lhe estancasse o sangue que corria do pescoço.

Depois, a causa de se ter perdido, foi por êle transformada a seu gôsto, e de único culpado que era, conseguiu, no seu pensamento, deitar as culpas ao cão.

Além disso o Turco, apesar de grande e valente, era feio e, no entender de Abílio, isso era grande defeito de que apenas se poderia vingar... a pontapés!

E com effeito, quando apanhava Turco sózinho, demonstrava-lhe com pontapés, que a sua fealdade era horrível. Quando isso sucedia, o Turco ou fugia ganindo ou rastejava no chão, humildemente, como que a implorar piedade.

E nessas ocasiões, o olhar que deitava ao seu malleitor, era tão meigo, tão doce, e sobre tudo tão humilde, que qualquer outro que não fôsse Abílio, se arrependeria de o tratar tão mal.

Mas um dia, Anibal presenciou os testemunhos que seu irmão dava ao Turco, e entre os dois houve uma grande discussão, da qual o resultado foi, embora seja feio, principalmente entre irmãos, deixarem de se falar.

Então, ainda mais enraivecido por isso, Abílio chegou a ser um verdadeiro selvagem para com o pobre cão; não havia dôr que o não fizesse ter, nem tormento que lhe não applicasse.

Mas há «alguém» que tudo vê, tudo observa e tudo analisa, para mais tarde, premiar ou castigar.

Esse «alguém» resolveu que tanta maldade havia de ser castigada e foi-o, duma maneira bem terrível, como vamos ver.

Alguns meses depois, muito embora os maus tratamentos ao Turco não acabassem, Anibal e Abílio fizeram as pazes. Para comemorar tão grande alegria, resolveram ir dar um passeio pelo campo.

Levaram um farnel para lá comerem, e faziam cálculos de se divertirem bastante.

Apenas Abílio tinha tido uma sensaboria: Anibal queria levar o Turco.

A princípio ainda protestou, dizendo que êle lhes iria estragar o passeio, que com êle não andariam à vontade; mas depois, como Anibal se mostrasse inflexível, e quizesse a força levá-lo, Abílio calou-se.

(Continua na página 6).

COLABORAÇÃO INFANTIL



Aldeia de Pescadores

Desenho da menina Maria José Veloso Moreira de 11 anos de idade

Paulo e Paula



Pedro Paulo marinheiro,
namora a Paula varina
que ganhou muito dinheiro
e que enche o seu mealheiro
com sardinha pequenina...

Ditoso do Pedro Paulo!
que vai casar com a Paula!
um casamento de estalo,
porque o noivo é só comprá-lo...
—Pedro Paulo... pobre Paula!...

Mas ela breve percebe
que o Paulo não é por ela
que quer' casar; e à janela
um dia, não o recebe!

Indaga o Paulo porquê;
e a Paula assim lhe responde,
mostrando-lhe a bolsa onde
muito dinheiro éle vê:

«Se ela estivesse vazia
um dia, e mais outro dia,
comigo não casaria
Você!»

■
OLAVO
DE EÇA
L E A L
■

O sacrifício do Zéca

POR MARIA ROSA LUMIARES

Desenhos de Eduardo Malta



Quim e o Zeca não cabiam em si de contentes. Em paga de um recado de que se tinham desempenhado muito bem, o senhor professor tinha dado a cada um uma nota de vinte cinco tostões. Os pequenos que não estavam habituados a ter tanto dinheiro miravam e remiravam a pequena nota, muito convencidos que tinham uma grande fortuna. Na verdade, para eles que andavam sempre com as algibeiras vazias, aquela nota era

um verdadeiro tesouro.

— O Zeca! sabes o que vou comprar? disse o Quim com ar triunfante.

— Um pião. Há-os a quinze tostões cada um na loja do tio Casimiro. E, como me sobram ainda dez tostões gastos em recusados. Gosto tanto deles!... E tu o que compras?

— Eu... e os olhos do Zeca luziram como dois carbúnculos, compro uma caixa de soldadinhos de chumbo. Há muito tempo que desejo ter uma mas... nunca tinha dinheiro que chegasse. Um destes dias, ao passar pela loja do tio Casimiro, vi uma caixinha com quinze soldadinhos de chumbo. Eram tão lindos! Por curiosidade perguntei o preço e... sabes quanto custam? Vinte cinco tostões. Saí desanimado porque vinte cinco tostões é ainda muito dinheiro e eu nunca mais conseguiria arranjá-los, mas agora... O Quim estou tão contente! tão contente!...

Numa corrida chegaram à loja do tio Casimiro. O Quim

entrou logo em negociações, enquanto o Zeca parado em frente da montra, contemplava embevecido os soldadinhos de chumbo. Colocado ao vidro estava um grande papel branco escrito em letras negras e que dizia o seguinte:

«Grande saldo.

Todos os brinquedos que se encontram nesta montra, custam apenas vinte cinco tostões. Aproveitem a ocasião.»

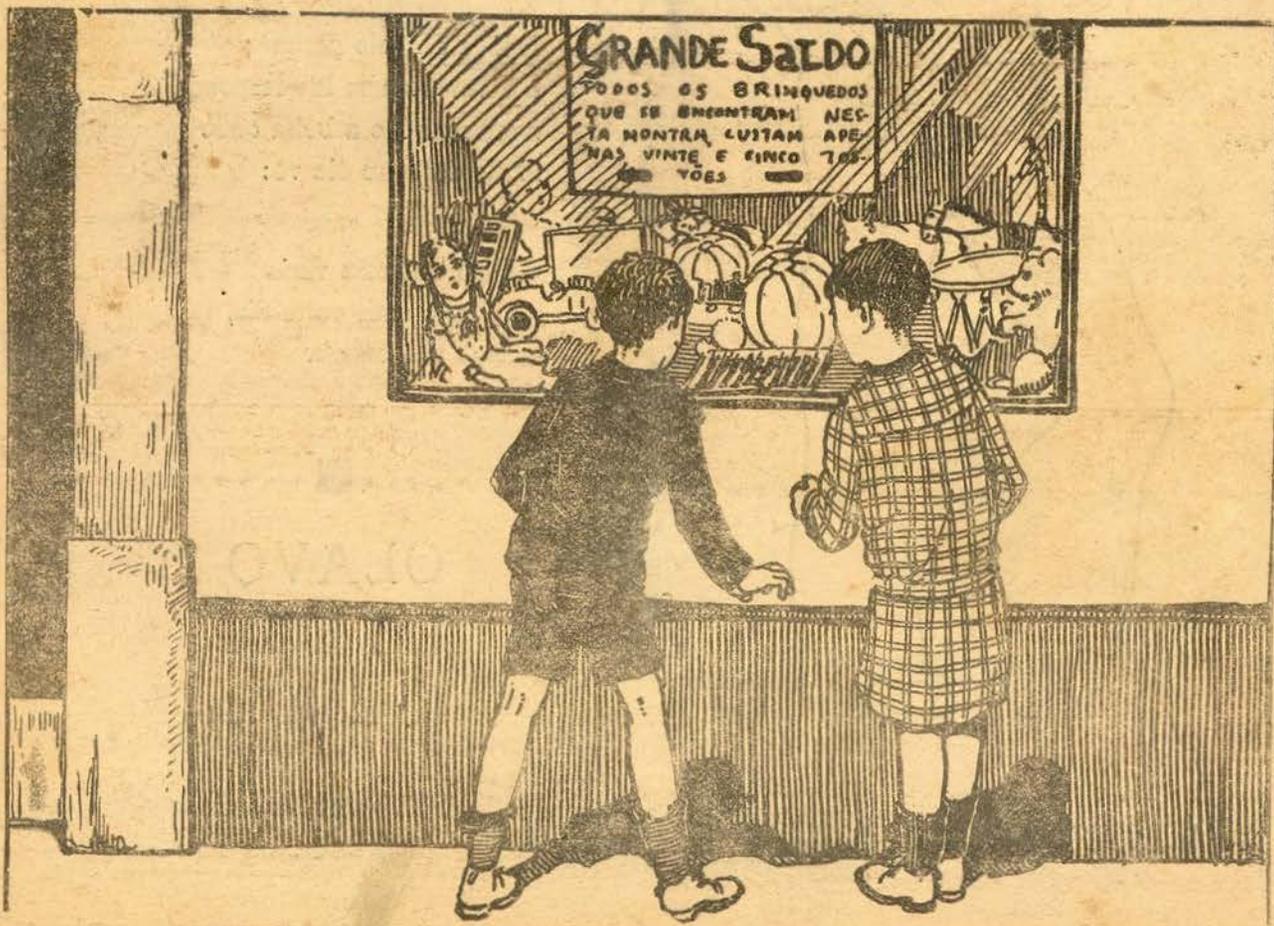
O Zeca depois de ler o papel, olhou com indiferença para os outros brinquedos. Ficavam todos a perder de vista ao pé dos seus soldadinhos de chumbo. Que grandes batallas havia de fazer com eles!...

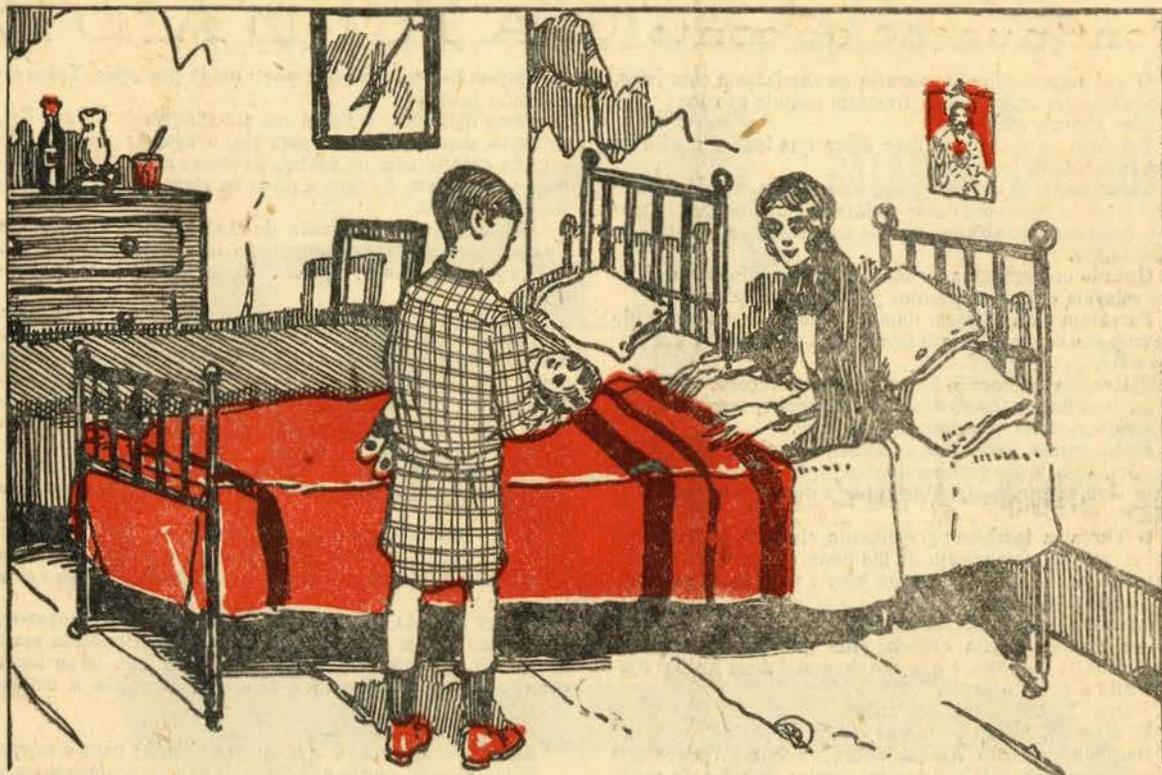
Examinando os melhor o Zeca virificou que tinham alguns defeitos.

O comandante tinha a espada toda amolgada, o porta-bandeira segurava triunfalmente apenas o... pau, o que tocava tambor esquecera-se com certeza das banquetas no quartel, e um dos soldados, coitadito, que decerto já andara na guerra, não tinha cabeça. Mas o Zeca, apesar de tudo continuava a achá-los lindos e elegantes. Decidiu logo que o soldado sem cabeça, seria o portador de cartas e documentos importantes porque, além de não pagar nada, o inimigo vendo-o sem cabeça não desconfiaria dele.

Súbito, uma boneca de papelão, muito mal feita e com o nariz esborrachado, teve um desmaio e caiu para cima dos soldadinhos de chumbo.

O Zeca olhou-a demoradamente e, então uma lembrança acudiu-lhe à mente. Os seus olhos já não viam a boneca, mas sim um misero quarto contendo apenas dois leitos de ferro, um tóscico e esburacado armário, uma meza e uma cadeira côxa. Numa das camas, a mais pequenina, estava deitada uma criança de cinco anos, de faces pálidas, olhos





encovados, magríssima, quasi um esqueleto. Uma tosse impertinente, muito seca, sacudia-lhe constantemente o peitinho de abrólhos. Era a Luizinha, a sua irmãzita, que herdara a terrível doença que já lhes roubara o pai. E o Zeca sabia que a irmãzita desejava imensamente uma boneca... Ele então, num rasgo de generosidade tinha-lhe prometido que, quando tivesse dinheiro havia de comprar-lhe uma.

A Luizinha ficára tão contente com a promessa do irmão!... Agora podia satisfazer o desejo da irmãzita.

O Zeca, indeciso, ora olhava para a boneca, ora fitava os soldadinhos de chumbo, os soldadinhos que tão ardentemente desejava, que há tanto tempo eram o seu sonho como todos os outros irrealizável, mas que agora para o realizar bastava estender a nota de vinte cinco tostões ao dono da loja. Abafando a voz do coração que lhe aconselhava a sacrificar-se pela irmã, o Zeca só deu ouvidos ao seu egoísmo que lhe aconselhava justamente o contrário. Estava decidido. Comprava os soldadinhos de chumbo e depois diria à irmã que lhes tinham dado. Ele também tinha o direito de gozar um pouco da vida!...

O Zeca entrou na loja com o pensamento nos soldadinhos de chumbo mas... que súbita transformação se operou no Zeca?... os seus lábios pronunciaram a palavra boneca...

Na rua, o Quim com a bôca átafuhlada de rebugados, e a alegria a lêr-se-lhe nos olhos, deitava o pião. O Zeca, com o embrulho debaixo do braço, passou por êle, correndo. Rapidamente galgou os cinco andares e penetrou na miserável e triste habitação. A vizinha, que durante o dia caridosamente substituíra a mãe, pois o pobre mulher mourejava tôdo o santo dia, para angariar os remédios e a alimentação forte que a filhinha necessitava, retirou-se vendo entrar o Zeca.

A doentinha soltou um suspiro de alívio. Era bem mais agradável a companhia do irmão, do que a da vizinha, já velha e rabujenta.

Mostrando-lhe o embrulho o Zeca perguntou: Adivinha o que contem este embrulho, Luisinha, é um presente para ti.

E o Zeca, sem esperar pela resposta da irmã, arrancou súbitamente o papel, e levantou ao ar a boneca.

Os olhos tristes da doentinha brilharam de contentamento e duas rosetas muito vermelhas tingiram alegremente as faces pálidas e encovadas da pequenita. Numa impaciência, estendeu os bracitos e murmurou:

— Dá-ma, dá-ma depressa Zeca. Oh como e tinda! E como tu és bom!

Ao tê-la em seu poder, apertou-a carinhosamente de encontro ao maguado peito, e cobriu-lhe o rosto de beijos.

Depois, começou a conversar com ela, a repetir-lhe as mesmas palavras que a mãe lhe dizia quando a via mais impaciente.

— Não chores lindinha... Vá toma este remédio que a mãezinha depois conta uma história... E agora bebes o leitinho sim?... Coitadinha da minha filhinha, que está tão doentinha?...

Sentado aos pés da cama o Zeca contemplava a irmã com os olhos arrasados de água. Ah! como êle estava contente de se ter privado dos soldadinhos de chumbo, vendo a alegria que proporcionara à irmãzita!

Ao principio custara-lhe muito, é certo, mas agora sentia-se tão consolado, tão consolado e tão contente como se de facto os tivesse. E' que êle, na loja, recordara-se de repente das palavras que ouvira ao senhor Doutor:

— «Quando as primeiras folhas caírem a pequenita irá para o céu».

A esta lembrança, o Zeca escondeu a cara nas mãos e desatou a chorar, a soluçar convulsivamente. Súbito, cheio de receio que a irmã percebesse a causa daquelas lágrimas, levantou a cabeça e olhou-a assustado. Porém, a Luisinha continuava tão absorvida na contemplação da boneca, que não dera por nada. Agora a sua vozita débil e fraca, elevava-se numa canção que a mãe lhe costumava cantar para a adormecer:

«Quem tem meninos pequenos
Por força lhe há-de cantar;
Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar».

Limpando as lágrimas, o Zeca levantou-se e foi preparar o leite para dar à doentinha, e, apesar de ter mais vontade de chorar que de cantar, uniu a sua voz à da irmãzita e cantou também:

.....
...Quantas vezes a mãe canta
Com vontade de chorar».

F I M

Continuação do conto CARIDADE

O pai recomendou-lhes muito que andassem com juízo, que voltassem cedo, e que tivessem cautela não lhes fosse suceder alguma coisa.

Partiram, e escuso de lhes dizer que toda a manhã foi uma brincadeira pegada.

Correram saltaram, cantaram, e por sobre os ruidos característicos da Natureza, ouvir-se iam as gargalhadas cristalinas, e os gritos de alegria, que os dois soltavam no auge da brincadeira.

Quando começaram a ter fome comeram o farnel, e ei-los que estavam outra vez prontos para a brincadeira.

Passaram pela margem dum rio, onde estava amarrado um pequeno barco, e Abilio teve a idéa de irem dar um passeio nêle.

Estiveram um bocado à espera que apparecesse o dono do barco, mas depois como êle não apparecesse, resolveram ir, e quando viessem pagariam o que fôsse.

Embarcaram, desataram as amarras, e ei-los que vão rio em fóra, com tanto garbo e donaire, que até pareciam dois novos Gamas que fôsssem à descoberta de novas e fantasiosas Indias.

O Turco ia também; gravemente, cheio de importância por se ver na companhia de tão bons... navegadores, foi sentar-se a um canto, e seguia com a vista todos os movimentos dos seus donos.

Anibal guiava e Abilio remava.

—E' preciso muita cautela; olha que ali em baixo há uma catarata ou como é que lhe chamam! dizia Anibal continuando a guiar o barco.

—Ora! E' não passarmos daqui.

E, dizendo, Abilio punha os remos de parte

Naquele momento Anibal debruçou-se e entreteve-se a brincar com os peixinhos que passavam; vendo-o de costas voltadas para êle, Abilio teve uma idéa, que merecia um bom puxão de orelhas.

Chegou-se ao Turco e começou a fazer-lhe festas.

Muito admirado, por estar pouco habituado a que êle lhas fizesse, o Turco perguntava a si proprio o que significaria aquela mudança.

De repente Abilio abaixa-se, agarra no cão e atira-o para dentro de água. Ele bem sabia que os cães sabem nadar, mas a água devia estar fria, e queria que o Turco tomasse nela um banho forçado.

Mas com tanta força o fez, que o barco deu uma grande sacudida, e por pouco que se não voltava.

Turco, a quem um banho naquelas condições não agradava nada, procurava por todos os modos subir, agarrando-se à borda do barco.

Ao sentir o balanço, Anibal voltou-se muito assustado, e, ao ver o Turco dentro de água, correu para onde estava Abilio e procurou agarrá-lo.

Mas Abilio, que ainda não estava satisfeito, e queria que o banho durasse mais, fingindo que agarrava o Turco, só o empurrava, e fazia todos os possiveis para que êle não subisse.

Tanta força Anibal e êle empregaram, um para puxar, outro para empurrar, e tantos esforços o cão fez para se ver fóra de água, numa palavra, tantos safanões deram ao barco, que, para mais, era pequeno e levesinho, que êste se voltou, caindo os dois à água.

Horror! Eles não sabiam nadar!

Debalde gritavam quanto podiam: ninguém aparecia.

Para mais, acabavam de descobrir um novo horror: estavam mesmo no meio do rio e principiava já a sentir-se a força da corrente que os arrastava para uma queda de água que havia mais além.

Turco, logo que o barco se voltou, o seu primeiro movimento foi fugir.

Nadando maravilhosamente, em breve poz entre êle e os seus donos algumas dezenas de metros.

Mas, os brados dos dois irmãos, fizeram-lhe voltar a cabeça, e immediatamente voltou para traz, disposto a salvá-los.

Mas êle não podia trazer os dois e tinha de se resolver por um. Não hesitou. Entre aquele que era o seu melhor amigo, que o tratava sempre tão bem, e aquele que por fes-

tas apenas lhe dava sôcos e por comida pontapés, Turco escolheu o primeiro.

Como disseámos, o Turco era um cão grande e forte. Foi, portanto, uma brincadeira para êle, o agarrar Anibal pela gola do casaco, com os dentes, de fórma a manter-lhe a cabeça sempre fóra de água e pô-lo na margem, em meia dúzia de pernadas.

Mas, com grande espanto de Anibal, mal chegaram, o Turco sentou-se tranquilamente ao lado dêle, enquanto lá ao longe, seu irmão, gritava desesperadamente por socorro.

Julgou, primeiro, que o cão quizesse descançar, mas êle, nem ao de leve mostrava sinal de estar cansado. Depois o descanso ia-se prolongando e Abilio começava a afrouxar os gestos que fazia com os braços e a correr com mais velocidade para a catarata. Então Anibal agarrou o Turco e atirou-o para dentro de água, esperando que êle caminhasse para Abilio.

Mas, com angústia, viu o Turco nadar alguns metros, parar, e depois voltar para traz, vindo sentar-se novamente a seu lado.

Então, não sabendo que mais havia de fazer, pois êle não sabia nadar, o Turco não queria ir, e não apparecia por ali ninguém capaz de salvar seu irmão, Anibal poz-se a chorar.

Ao ver aquelas lágrimas, o Turco pareceu comover-se. Correu novamente para o rio, e ia para se atirar outra vez à água, mas, parando, fitou aquela cabeça que lá ao longe emergia das águas, abanou a cauda, e, largando a correr, desapareceu.

Abilio estava perdido,

Ainda que apparecesse alguém, era já tarde para o salvar.

A sua cabeça, que já não era mais que um pequeno ponto negro, corria cada vez com mais velocidade.

Então, dando um grito, Anibal cambaleou e perdeu os sentidos.

Abilio tivera tempo de ver porque morria.

Compreendera perfeitamente que apenas o seu mau coração, que durante tanto tempo maltratara tão cruelmente o pobre Turco, era o culpado da sua morte.

Arrependia-se agora bem amargamente do que fizera, mas, ai dêle, era já tarde.

O pobre cão, sustentára debaixo daquela máscara de fleugma, que os animais não tiram nunca, uma luta titânica.

De um lado o seu instinto generoso e os rogos e lágrimas do seu amigo, que o incitavam a atirar-se à água e salvar Abilio; do outro, o instinto de conservação e a recordação dos sofrimentos por que o irmão de Anibal o fizera passar, e que o levavam a deixá-lo morrer, não propriamente para se vingar, mas para se ver livre dele.

Era inútil pensar que, se o Turco o salvasse, pelo menos a gratidão, faria com que mudasse de procedimento, porque já uma vez o generoso cão o salvara, e Abilio, nem por um momento sequer lhe havia ficado reconhecido.

Quando Anibal voltou a si, estava no seu quarto, deitado na sua cama, tendo dum lado seu pai, que o fitava com uma expressão infinitamente angustiosa, do outro um sujeito com cara de medico, que lhe segurava o pulso, e, ao pé da cabeceira, sentado no chão, o Turco, que lhe deitava um olhar tão humilde, tão supplicante, que Anibal se sentiu enormemente comovido.

Esse olhar, Anibal julgou comprehendê-lo e parecia dizer:

—Perdôa-me, meu grande, meu bom amigo, o sofrimento que te causei, mas, ao contrário de ti, êle era tão mau...

Mais do que uma súplica, aquêlle olhar era um queixume amargo e mudo, e, por isso mesmo, sincero.

Tinha razão o Turco!

Assim como Abilio encontrára uma morte tão horrivel, devido ao seu mau coração, assim Anibal se havia salvo, por sempre ter tratado com CARIDADE o feio cão, que numa tarde terrivelmente invernal, encontrara no meio de um atalho, cheio de fome, de frio e esvaindo-se em sangue, devido a uma dentada que os lobos lhe haviam dado no pescoço...

JARDIM ZOOLOGICO

PALAVRAS CRUZADAS

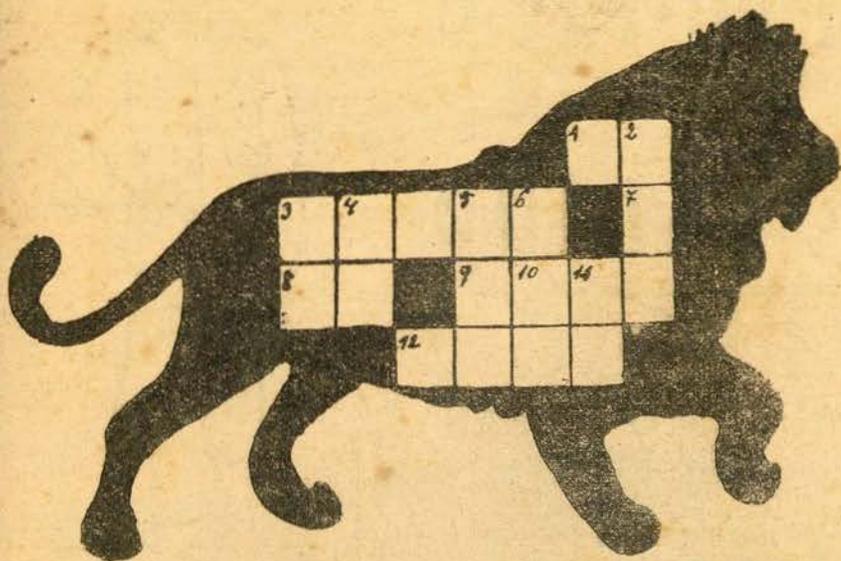
por Manuel Lopes Neves

N.º 1

HORISONTAIS — 1 — vogal. 2 — consoante. 3 — época da vida. 8 — pedra de lagar. 9 — irritar. 12 — mamífero. — VERTICAIS — 2 — olhar. 3 — preposição. 4 — nota musical. 5 — cidade portuguesa na Asia. 6 — época. 11 — mistura fluida que forma a parte principal da atmosfera.

N.º 2

HORISONTAIS — 1 — apontar. 9 — correr. 14 — sofrer. 15 — artigo definido. 16 — volto. 20 — vogal



PROBLEMA N.º 1

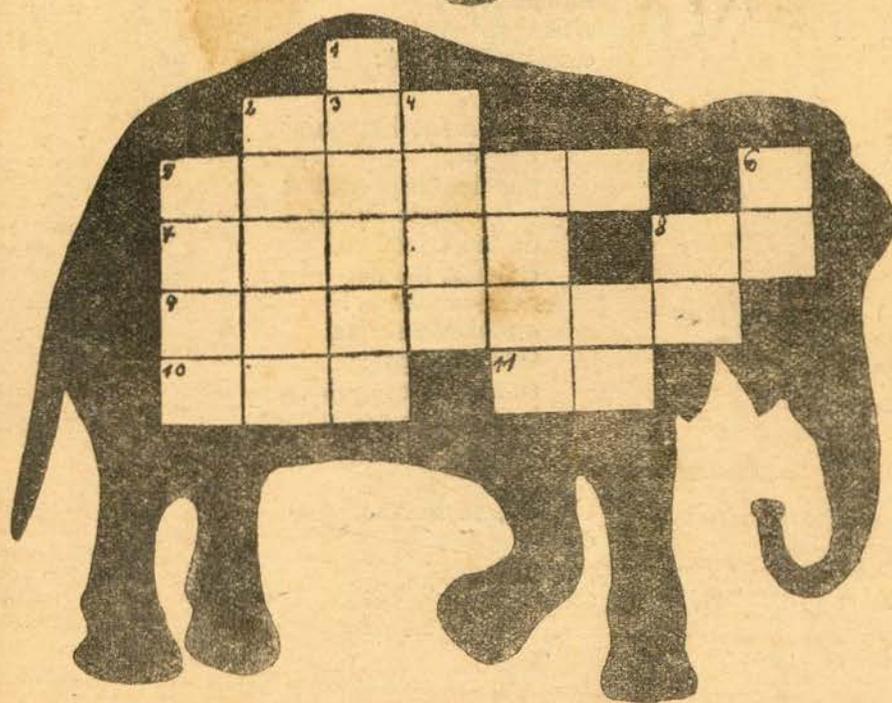
O LEÃO

PROBLEMA N.º 2

O HIPOPOTAMO

PROBLEMA N.º 3

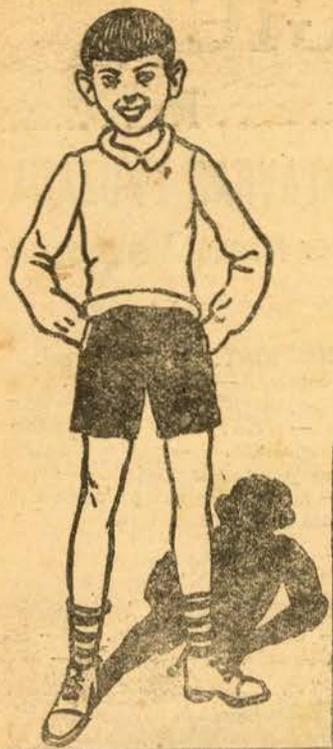
O ELEFANTE



e consoante juntas. 22 — nota musical. 23 — suspendei. 27 — ave. 28 — verbo. — VERTICAIS — 1 — artigo. 2 — forma do pronome reflexo. 3 — duas consoantes juntas. 4 — liquido volátil e inflamável. 5 — bagatela. 6 — duas consoantes. 7 — preposição. 8 — caminho orlado de casas. 10 — fruto. 11 — anda. 12 — irritar. 13 — morde.

N.º 3

HORISONTAIS — 1 — vogal. 2 — três consoantes juntas. 5 — jornal de maior circulação. 6 — consoante. 7 — agravo. 8 — preposição. 9 — material de teatro. 10 — gosto. 11 — duas vogais. — VERTICAIS — 1 — edico. 2 — tirem. 4 — peça de vestuário. 5 — tira. 6 — numeral. 8 — duas vogais.



Pau-Preto

E

Zezinho

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE
EDUARDO MALTA



UM certo menino,
chamado Zezinho,
mo'ino,

ladino,
rabino,
era um rapazinho
que, por amuleto,
tinha um criadinho
de alcunha: -- Pau-Preto.

Mas tanto, Zezinho
se ria
e troçava
da côr do pretinho,
que o preto sofria
chorava sòzinho!

Todavia,
um dia,
a Virgem Maria
baixando
do Céu,
surgiu, apar'ceu
aos dois rapazinhos
quando
deitadinhos
estavam sonhando.

E ao que era de côr,
a Mãe do Senhor

lhe disse, sorrindo
num franco
sorriso:

— «Não chores, menino...
Então?!... Tem juízo!
No Céu, no P'raizo
inda hás-de ser branco,
mais branco, mais lindo
que branco menino!»

E ao outro, ao Zezinho,
ralhou
a Senhora
e assim lhe falou:

— «Menino branquinho
por fóra,
por dentro negrinho;
—Troçando da côr
do teu criadinho,
causaste-lhe dôr
fizeste-o chorar!
oh tal não se faz,
tal hás-de pagar
se não te arrependes,
caso não te emendes,
verás!»

Um dia, no Inferno,
eterno
pretinho
serás!

F I M